

O SILÊNCIO TAMBÉM REVELA DEUS

Luiz Antônio Reis Costa*

O tema do silêncio de Deus é – com certeza – uma das grandes marcas da teologia do século XX. Durante séculos esse silêncio foi experimentado dolorosamente pelas pessoas de fé. Não obstante, parece que havia um certo pudor, um certo receio de se questionar em alta voz esse silêncio divino. Talvez o receio de ser tido como pessoa fraca na fé, incrédulo ou pior: ser considerado ímpio ou herege.

Felizmente existiam as válvulas de escape para tanta pressão: ao recitar ou cantar os salmos, muitas vezes cristãos e judeus se deparavam com expressões veementes onde o salmista questionava o próprio Deus por causa do seu silêncio, da sua aparente inércia diante da dor e do sofrimento presentes no mundo (Sl 13, 21, 77).

Num filme de 1989, sobre São Francisco de Assis, chamado “Francesco”, uma das cenas mais impactantes – e talvez a melhor interpretação da carreira de Mickey Rourke – é justamente quando Francisco mergulha numa profunda crise espiritual causada pelo silêncio de Deus¹. É tão grande a dor causada por esse silêncio que Francisco, em meio às lágrimas, vai pedindo a Deus: “*fala comigo! Parlami*”... E quanto mais Francisco fala, mais Deus silencia. Os soluços entre lágrimas são substituídos pelos gritos. Gritos longos, sentidos, sofridos. E vemos Francisco gritando e chorando no meio de uma tempestade, na beira de um precipício do Monte Alverne, suplicando a Deus que falasse com ele.

Quando Deus fala a nossa vida se enche de sentido. Todas as coisas passam a ter significado, consistência e beleza. Mas quando Deus se cala o nosso mundo vem ao chão, as nossas mais firmes certezas se arrebatam como uma quimérica bolha de sabão. Para o nosso próprio bem, Deus ora terá de falar e ora terá de calar. Ele aplicará a si mesmo a

* Doutor em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia FAJE. Professor do Instituto Teológico São José (ITSJ) e Vigário Geral da Arquidiocese de Mariana-MG.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PJ4IGTCnPkQ>>. Acesso: 08 de jun. 2020.

palavra inspirada do Eclesiastes: “há um tempo para cada coisa de baixo do céu”... tempo de falar e tempo de calar.

Voltemos à história. Não mais a de Francisco de Assis no século XIII, mas agora o ano de 1945. Um jovem soldado alemão se vê diante da destruição e da morte. Ele vê a sua bela Alemanha ardendo em chamas após cada bombardeio dos aliados. Acompanha a maioria dos seus amigos morrendo nas terríveis frentes de batalha. Assiste o ódio e a destruição por todo lado. Era o fim da Alemanha nazista. Ele sabe que o seu exército estava irremediavelmente derrotado. A única certeza que ele tinha era da vida como um absurdo intolerável e que a morte estava próxima. Certo dia o exército britânico havia cercado o seu batalhão. Diante da morte certa ele diz a mesma palavra de Francisco: *fala comigo, meu Deus! Fala....* Enquanto isso choviam balas e bombas. O combate cresce e os soldados alemães se rendem, são levados para um campo de prisioneiros. Diante da derrota humilhante muitos cometem suicídio, porém aquele jovem prisioneiro de apenas dezenove anos insiste na única coisa que ainda o mantinha preso à vida: o desejo de ouvir Deus em meio ao caos. Esse jovem ainda vive. Tem 93 anos. Se chama Jürgen Moltmann. É considerado o maior teólogo protestante vivo. Escreveu numerosas obras e iniciou uma interessante reflexão teológica que se bifurcou em duas vertentes: a teologia da cruz e a teologia da esperança².

Pelos dois exemplos que citei, e pelo fato de conhecermos como se deu a história posterior de Francisco de Assis e de Jürgen Moltmann sabemos que ambos fizeram a mais profunda experiência mística em meio ao mais angustiante silêncio de Deus: *Deus mihi dixit!* A revelação divina se deu não no aconchego das consolações e alegrias da vida. Inesperadamente Deus se revelou em meio ao caos, aos sentimentos de absurdo e na proximidade com a morte. É evidente que nem todos passarão por essas condições extremas, mas é certo que nalgum momento a crise nos visitará. É nesse momento que o nosso mundo desaba, as nossas certezas se desfazem. Às vezes isso se dá silenciosamente, mansamente e nem por isso é menos verdadeiro.

Por que Deus algumas vezes se cala? Por que algumas vezes nos sentimos à beira do abismo ou no meio de uma guerra perdida, suplicando a Deus que nos fale e o que recebemos de volta é o duro silêncio? Esse abismo que somos nós mesmos. É a nossa

² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Herder, 1971.

vida! E essa guerra perdida que se dá não somente fora, mas precisamente dentro de nós...
E diante desse caos: Deus calado!

Por que Deus se cala? Aqui entramos numa das mais complexas questões da teologia espiritual. Aqui a especulação assume risco de naufrágio, isto é, de falar impropriedades tanto sobre Deus quanto sobre o homem. Nos mapas medievais, na descrição das terras distantes e “mares nunca dantes navegados”, chegava-se em determinados pontos onde o cartógrafo assim escrevia, advertindo o incauto navegador: “*hic sunt dracones*”, aconselhando não ultrapassar esse limite. Pois bem. É nesse limite em que nos encontramos. E para responder à pergunta “por que Deus se cala?” Melhor é recorrer aos místicos do que aos especulativos.

Poucos responderam tão bem quanto São João da Cruz (1542-1591)³. Mas antes de dar a resposta de São João da Cruz, permitam-me introduzi-la a partir de uma reflexão muito interessante oriunda de uma obra que é um clássico da espiritualidade ortodoxa russa: *Relato de um Peregrino Russo*⁴. Esse livro, de um autor anônimo do século XIX, narra as peripécias de um homem devoto que decidiu fazer uma peregrinação a pé, do interior da Rússia até Jerusalém. Num determinado momento da peregrinação ele sentiu a necessidade de fazer uma boa confissão e, para isso, foi a um mosteiro onde um monge o ajudou a se preparar durante alguns dias para essa confissão. A proposta do monge era: confessar não as superficialidades, mas sim, confessar os pecados-raiz que geraram todos os outros pecados da sua vida.

O monge apontou quatro pecados-raiz. Mas falaremos apenas de um. Aquele que interessa diretamente ao nosso tema. Esse pecado-raiz é reconhecido nisto: “*eu não creio verdadeiramente na Palavra de Deus*”. Nós até concordamos com tudo o que está no Evangelho, achamos belos e comoventes os ensinamentos de Jesus, mas fazemos muito pouco para viver essa Palavra, para colocá-la em prática.

A situação fica um pouco mais complicada a partir desse “achar bonito, mas não praticar”. É aí que entra um dos pecados que Jesus mais denunciou: o pecado dos escribas e dos doutores da Lei (Mt 23, 1-39). Escribas e doutores eram os teólogos profissionais da época. Conheciam as escrituras, mas interpretavam conforme o seu gosto, amoldando a

³ CRUZ, São João da. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁴ RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO. Petrópolis: Vozes, 2018.

palavra às suas opiniões. Até diziam coisas lindas, mas esvaziavam a Palavra por que não a abraçavam de verdade. Isso gerava neles uma falsa segurança espiritual, um falso sentimento religioso, uma falsa santidade. Eles iludiam a si mesmos e iludiam aos outros. Colocavam a Palavra dentro dos seus limites humanos. Não permitiam que a palavra os questionasse. Ou os surpreendesse. A consequência desse pecado: teorizar muito sobre a fé, mas praticá-la pouco. A Palavra revelada que é aguda e penetrante como uma espada de dois gumes (Hb 4,12) é trocada a uma “palavrinha” que conforta e afaga o ego religioso inflado.

Voltemos a São João da Cruz. Ensina o grande carmelita que Deus se cala pelos mesmos motivos pelos quais fala. Ele se oculta movido pela mesma razão pela qual se revela. Deus ao se calar, se cala para o nosso maior bem, para nossa salvação. A Palavra de Deus sempre cria e salva, mas as nossas palavras podem se perverter e gerar destruição e perdição. A história prova isso abundantemente. Todas as violências, desde as brigas domésticas até as guerras mundiais começaram e foram levadas a cabo pela perversão das palavras.

O silêncio de Deus é silêncio bendito. O silêncio divino nos livra da perversão das palavras humanas. Por isso, São João da Cruz ensina que o silêncio de Deus é silêncio que nos liberta, purifica, nos amadurece e – por fim – nos une intimamente a Ele. Tememos o silêncio de Deus e o nosso próprio silêncio porque o que realmente tememos é encontrar os nossos fantasmas interiores, os nossos monstros noturnos. Apavora-nos o silêncio da noite escura, mas é nele que, muitas vezes, encontramos a nossa verdade mais profunda e encontramos Deus.

O silêncio de Deus é fundamental porque facilmente cobrimos a sua Palavra salvífica com as nossas palavras vazias ou pervertidas. Dessa forma, a libertação da perversão das palavras humanas passa pelo silêncio divino. Esse silêncio tem a eficácia de pôr fim a tantas farsas.

O dramático nesse cenário está na resistência que temos diante da purificação e do amadurecimento trazidos por esse silêncio. Esse silêncio revela nossas falsas seguranças. Sobretudo nossas falsas seguranças religiosas. Os amigos de Deus se tornaram amigos de Deus não só pela experiência do ouvir a Palavra, mas sobretudo por terem mergulhado nesse silêncio.

A Palavra aproxima. O silêncio une. Daí a beleza da experiência de tal silêncio purificador e unitivo apresentada por São João da Cruz em forma de alta poesia, a *Noite escura da Alma*:

Oh! noite, que me guiaste,

Oh! noite, amável mais do que a alvorada

Oh! noite, que juntaste

Amado com amada,

Amada, já no amado transformada!